

# JUVENAL E O DRAGÃO

Leandro Gomes de Barros

Xilo: Valdério Costa



Fortaleza/CE, 2016 - Editora IMEPH

# JUVENAL E O DRAGÃO

Leandro Gomes de Barros

Quem ler esta história toda  
Do jeito que foi passada  
Vê logo que o falso e vil  
Nunca nos serve de nada  
Que a honra e a fidelidade  
Sempre foi recompensada.

Morava um camponês  
Num subúrbio dum ducado  
Já fazia sete anos  
Que ele tinha enviuvado  
Só ficou com dois filhinhos  
No que mais tinha cuidado.

O velho adoeceu muito  
Conhecendo que morria  
Um casebre e três carneiros  
Só era o que possuía  
Deu como herança a seus filhos  
E morreu no outro dia.

Ficaram ambos sozinhos  
Uma moça e um rapaz  
Disse ela ao irmão:  
— A partilha você faz,  
Fica lá com os carneiros  
Que no valor são iguais.

Ficou ela na choupana  
Cumprindo a sina fatal  
O seu nome era Sofia  
O dele era Juvenal  
Que pensava em aventuras  
Atrás do bem ou do mal.

Juvenal disse à irmã:  
— Não posso mais ter demora,  
Vá viver com seu padrinho  
Eu amanhã vou embora  
Junto com meus três carneiros  
Por este mundo afora.

Quando foi no outro dia  
Limpou dos carneiros a lã  
Preveniu o necessário  
Despediu-se da irmã  
Seguiu com os três carneiros  
Às seis horas da manhã.

Quando bateu meio-dia  
Ele estava descansando  
Na sombra de um arvoredó  
Os três carneiros pastando  
Viu que um sujeito estranho  
Perto dele ia chegando.

Aquele sujeito estranho  
Tinha saído bem cedo  
Caçando com três cachorros  
No penhasco dum rochedo  
Foi descansar nesse dia  
Naquele mesmo arvored.

Chegando no arvored  
Foi dizendo: — Oh! Meu rapaz,  
São seus aqueles carneiros  
Que eu vejo ali por trás?  
Quer trocar por meus cachorros?  
Veja o negócio que faz!

Juvenal lhe respondeu:  
— Nós não podemos trocar  
Os meus carneiros no mato  
Procuram se alimentar  
Ao passo que os seus cachorros  
É preciso eu sustentar.

Lhe disse o desconhecido:  
— Nenhum dos três é ruim  
Na hora que estou com fome  
Só basta dizer assim:  
Rompe-ferro mãos à obra,  
Traz pra ele e para mim.

Çada um destes cachorros  
É um grande defensor  
Se acaba, morre lutando  
Em defesa do senhor  
São chamados: Rompe-ferro,  
Ventania e Provedor.

Juvenal pensou um pouco  
De ficar sem os carneiros  
Mas lembrou-se que os cães  
São amigos verdadeiros  
Lhe disse: — Está feito a troca  
Os cães são mais companheiros.

Dizia o rapaz consigo:  
— Na troca não fiz vantagem  
Andar com estes três cães  
Precisa muita coragem  
Às duas horas da tarde  
Seguiu a sua viagem.

Mais tarde chegou-lhe a fome  
Não tinha aonde comprar  
Fez como o sujeito disse  
No momento de trocar:  
— Rompe-ferro, mãos à obra!  
E o cachorro foi buscar.

Toda ordem que ele dava  
O cachorro obedecia  
Mandou ele às cinco horas  
Antes que findasse o dia  
Trouxe-lhe uma linda cesta  
Cheia de comedoria.

Juvenal pegou a cesta  
Quando acabou de jantar  
Deu ele aos cães dizendo:  
— Comam até se fartar!  
Eu com três amigos destes  
Não temo de viajar.

E quando os cães acabaram  
Davam pulos de alegria  
Um corria atrás do outro  
Em tresloucada folia  
Fazendo festas ao moço  
Que satisfeito sorria.

Juvenal seguiu viagem  
Cada vez mais animado  
Naquela zona esquisita  
Com seus cachorros ao lado  
Foi dormir no outro dia  
Nas terras de outro reinado.

Já fazia um mês e tanto  
Que ele andava de viagem  
No pé de uma grande serra  
Avistou uma carruagem  
Até para os dois cavalos  
Era difícil a passagem.

Ele vendo a carruagem  
Foi logo se aproximando  
Viu dentro uma linda moça  
Vinha de longe chorando  
O cocheiro muito triste  
Suspirava vez em quando.

Juvenal viu a princesa  
Em pranto sem se calar  
Dirigiu-se ao cocheiro:  
— Desculpe eu lhe perguntar,  
Que vem ver esta princesa  
Nas brenhas deste lugar?

Quase sem poder falar  
O cocheiro respondeu:  
— A princesa está chorando  
O culpado não fui eu  
Dê licença eu vou contar  
O caso como se deu:

Daqui a cinquenta léguas  
Existe um grande reinado  
Que passou mais de cem anos  
Sendo o povo devorado  
Por um monstro horrendo e feio  
Misterioso e encantado.

É impossível contar  
A força que a fera tinha  
Não respeitava princesa,  
Duque, nem rei, nem rainha  
Devorou toda a polícia  
O exército e a marinha...

O povo todo alarmado  
Morrendo sem remissão  
Pra toda parte que ia  
Não achava proteção  
O rei não tinha recurso  
Para remir a nação.

O rei já muito nervoso  
Só esperava morrer  
Um dia estava dormindo  
Ouviu uma voz dizer:  
“— Vou te propor um negócio,  
Responda se quer fazer...”

Eu sou a tirana fera  
Que venho me despedir  
Pretendo dar-lhe um descanso  
E deixar de perseguir  
Se o senhor me prometer  
Fazer o que lhe pedir.

Se acaso aceitar o negócio  
Desde já fique avisado  
Pra me mandar todo ano  
Num lugar determinado  
Uma das moças bonitas  
Que tiver no seu reinado.

Eu só faço este negócio  
Pra cessar a mortandade  
Se o senhor não cumprir  
E usar de falsidade  
Eu venho de lá da furna  
Devorar toda a cidade.”

— Diante dessa ameaça  
O rei ficou sem ação  
Como ele enfrentaria  
Tão grave situação?  
O jeito era dar apoio  
Às propostas do dragão.



Então o rei sujeitou-se  
A todo ano mandar  
Uma das moças bonitas  
Que tivesse no lugar  
Daqui vai ela pra furna  
Para a fera devorar.

É este o motivo justo  
Da nossa grande tristeza  
Pra aqui já tenho trazido  
Muitas filhas da pobreza,  
Mas hoje tocou por sorte  
A esta infeliz princesa.

Juvenal ficou imóvel  
Vendo a triste narração...  
Perguntou logo ao cocheiro:  
— Onde habita esse dragão?  
— Numa furna dessa serra  
E apontou-a com a mão.

Juvenal disse ao cocheiro:  
— Vou fazer uma loucura  
Ando percorrendo terras  
Em busca duma aventura  
Não vou deixar essa fera  
Comer esta criatura.

Não digo por pabulagem,  
Nunca temi inimigo  
Eu junto com meus três cães  
Só Deus poderá comigo!  
Enfrento um cento de feras  
Não digo que vi perigo.

Disse o cocheiro à princesa:  
— Acho bom se apear  
Todas que vem para aqui  
Vão a ele se entregar  
Se vossa alteza não for  
O monstro vem lhe buscar.

Ela aí desceu do carro  
Trespasada de tristeza  
Juvenal com muita pena  
Dessa morte sem defesa  
Chamou os seus três cachorros  
Acompanhou a princesa.

O cocheiro como estava  
Quase morto de pavor  
Gritou para Juvenal:  
— Aonde vai, meu senhor?  
Volte daí, não prossiga  
Que o monstro é devorador.

Juvenal nem deu ouvidos  
Ao que ele estava dizendo,  
Porém de repente viu  
A montanha estremecendo  
Conheceu no mesmo instante  
Que a fera vinha descendo.

Ia a princesa na frente  
Juvenal mais atrasado  
Quando a fera viu a moça  
Deu um urro agigantado  
Até os três cães ficaram  
Com o cabelo arrepiado.

Aí a fera avançou  
Para agarrar a princesa  
Juvenal tomou a frente,  
Porém não mostrou fraqueza  
Depois gritou: — Rompe-ferro,  
Preciso de tua defesa!

Quando Rompe-ferro ouviu  
O grito do seu senhor  
Que tinha enfrentado a fera  
Sem ter medo nem pavor  
Partiu pra cima do monstro  
Como um raio abrasador.

O moço era destemido,  
Cada cão o mais valente,  
Ali bem incorporados  
Lutando contra a serpente  
Juvenal no ferro frio  
E Rompe-ferro no dente.

Era um monstro sem feito  
De um corpo descomunal  
Todo coberto de escamas  
Mais duro do que metal  
Tudo era mole na ponta  
Do ferro de Juvenal.

A moça vendo o embrulho  
Pender pro fundo da gruta  
Dando cada rabiçaca  
Com uma força absoluta  
Vendo a hora que o rapaz  
Também morria na luta.

Ajoelhou-se por terra  
Implorando o Criador:  
— Valei-me Pai Poderoso,  
Livrai-me deste terror  
Salvai também esse moço  
Do dragão devorador!

Também prometo, Senhor  
Meu pranto não é fingido  
Se nessa luta sangrenta  
O jovem não for vencido  
Quando voltar ao meu reino  
Farei dele meu marido.

E lá no fundo da gruta  
A luta era tenebrosa  
A serpente dava urros  
E rabiçacas raivosas  
Fazendo tremer a terra  
Naquela gruta rochosa.

Esse monstro possuía  
No grande corpo um lugar  
Debaixo da asa esquerda  
Que quem pudesse acertar  
Com um pequeno ferimento  
Era capaz de matar.

Rompe-ferro, experiente,  
Nesse lugar farejou  
Debaixo da asa esquerda  
De repente mergulhou  
No lugar mais perigoso  
O cachorro abocanhou.

Viu-se logo a diferença  
Quando o cachorro mordeu  
O monstro deu um esturro  
Que toda a serra tremeu  
Na segunda abocanhada  
A serpente esmoreceu.

Assim que Juvenal viu  
A fera desanimar  
Sentou-se pra outro lado  
Dizendo: — Vou descansar!  
E deu ordem a Rompe-ferro  
Para acabar de matar.

Disse o rapaz: — Para que  
Ninguém duvide da história  
Que lutei com esse monstro  
E na luta alcancei vitória  
Tiro dois dentes da fera  
Para servir de memória.

Quando a moça se viu livre  
Daquele horrendo animal  
Foi ajoelhar-se chorando  
Diante de Juvenal  
Pedindo pra acompanhá-la  
Até à corte imperial.

— Exijo que vá comigo  
Pra meu pai lhe conhecer  
Esse moço destemido  
Que me salvou de morrer  
Mesmo pra recompensá-lo  
Da forma que merecer.

Terás lá no meu reinado  
Teu nome reconhecido  
Por todos da minha corte  
Há de ser bem recebido  
O mundo terá ciência  
Do teu valor merecido.

Tu salvaste a minha vida  
Enfrentando este dragão  
Como também te arriscando  
Salvaste minha nação  
Portanto aqui te entrego  
Alma, vida e coração.

Disse ele: — Eu nada quero  
Do benefício que fiz  
Desejo que sua alteza  
Siga em paz, seja feliz,  
Vou vê-la de hoje a três anos  
Na capital do país.

O cocheiro que pensava  
Ao moço a fera matar  
Ele que estava de longe  
Ouvindo a serra zoar  
Quase morria de medo  
Nem se moveu do lugar.

Juvenal muito vexado  
Não podia ter demora  
Disse à princesa: — Desculpe  
Eu não ir com a senhora!  
Botou-a na carruagem,  
Despediu-se e foi embora.

A imagem do rapaz  
Gravou-se divinamente  
Ante os olhos da princesa  
Tão casta, linda, inocente  
E uma paixão sublime  
Germinou rapidamente.

Juvenal nunca pensou  
Que a sua protegida  
Fosse cair novamente  
Nas mãos da fera homicida...  
Que o tal cocheiro imundo  
Quisesse tirar-lhe a vida.

O cocheiro seguiu com ela  
Adiante lhe perguntou:  
— Vossa alteza pagou bem  
Aquele que lhe salvou?  
Disse ela: — Eu quis pagar-lhe,  
Mas ele não aceitou.

Com olhos de traidor  
Falou assim o cocheiro:  
— Aquele que lhe salvou  
É um grande aventureiro  
Anda vagando no mundo  
Não precisa de dinheiro.

Se vossa alteza quisesse  
Com muita facilidade  
Pode fazer num momento  
A minha felicidade  
Dizer que matei a fera  
Quando chegar na cidade.

A senhora nada perde  
Me fazendo este favor,  
Pois aquele aventureiro  
É bruto, não tem valor,  
Vossa alteza perde tempo  
Se for dedicar-lhe amor.

Disse a princesa ao cocheiro:  
— Eu não sou desconhecida!  
Não vou contar uma história  
Que não foi acontecida,  
Tornar-me facinorosa  
Pra quem salvou minha vida.

Nem permito que um Judas  
Covarde, vil, descabido  
Insulte desta maneira  
Um moço tão destemido  
Que não sendo Deus e ele  
Agora eu tinha morrido.

Iam passando uma ponte  
O cocheiro disse assim:  
— O fulano não precisa,  
Arranje isto para mim...  
Se a senhora não fizer  
Aqui mesmo dou-lhe fim!

Lhe atiro de ponte abaixo  
O diabo tem de a levar  
Quando eu chegar na corte  
Se alguém me perguntar  
Eu digo: “a fera comeu-a”,  
Ninguém vai mais procurar.



Aquela infeliz princesa  
Conhecendo que morria  
Jurou perante o cocheiro  
Fazer como ele queria  
E aquele horrendo segredo  
Por ela ninguém sabia.

— Eu juro perante a Deus  
Que negarei a verdade!  
Quando chegar lá na corte  
Farei a vossa vontade...  
Digo que mataste a fera,  
Que devorava a cidade.

O cocheiro olhou pra ela,  
Riu-se de satisfação:  
— Agora sim, princesinha,  
Sou um grande cidadão,  
Serei perante o monarca  
O grande herói da nação.

Quando chegaram na corte  
A cidade estremeceu  
Dizia o povo em delírio:  
“A princesa não morreu,  
O cocheiro trouxe ela,  
A fera não a comeu!”

Quando o rei viu a princesa  
Quase morre de alegria  
Aí contaram a história  
Como o cocheiro queria  
Disse o rei: — És um fidalgo  
Da alta aristocracia.

Disse o cocheiro ao monarca:  
— Dê-me licença narrar  
Quando chegamos à furna  
Que fiz o carro parar  
Eu disse para a princesa:  
— Acho bom se apear!

Ela aí desceu do carro  
Trespasada de tristeza...  
Eu fiquei com muita pena  
Dessa morte sem defesa,  
Saquei pelo meu punhal  
E acompanhei a princesa.

A princesa como estava  
Quase morta de pavor  
Me disse: “— Deixe-me só,  
Volte à corte, por favor.  
Volte daqui, não prossiga,  
O monstro é devorador!”

Eu aí não dei ouvidos  
Ao que ela foi dizendo,  
Porém de repente ouvi  
A montanha estremecendo  
Conheci no mesmo instante  
Que a fera vinha descendo.

Ia a princesa na frente,  
Eu ia mais atrasado  
Quando a fera viu a moça  
Deu um urro agigantado  
Confesso que até fiquei  
De cabelo arrepiado.

Mas uma coisa dizia:  
— Não deixe a moça morrer,  
Se salvares a princesa  
Muito feliz há de ser  
Portanto enfrente o perigo  
Repare o que vai fazer.

Aí a fera avançou  
Para agarrar a princesa,  
Ligeiro tomei a frente,  
Porém não mostrei fraqueza  
Nunca pensei, majestade,  
Possuir tanta destreza!

Era um monstro sem feitio  
De um corpo descomunal  
Todo coberto de escamas  
Mais duro do que metal,  
Porém tudo ficou mole  
Na ponta do meu punhal.

Danei-lhe uma punhalada  
Que até seu corpo rangeu  
A fera deu um esturro  
Que toda a terra tremeu  
Na segunda punhalada  
A serpente esmoreceu.

Acabei de lhe matar  
Como quem não fez vantagem  
Botei a linda princesa  
Sem força na carruagem  
Deixei a fera estendida,  
Voltei então da viagem.

O povo todo deu crença  
Ao que o cocheiro dizia  
O rei disse: — És um herói,  
Mostraste ter valentia!  
Vou promover-te a fidalgo  
Da alta aristocracia.

Apertou ele nos braços  
Cheio de contentamento  
Dizendo: — Minha filha vive  
Pelo teu merecimento  
Como não posso pagar-te  
Dou-te ela em casamento.

A princesa quando ouviu  
Falar em tal casamento  
Mudou de cor de repente  
Quase dá-lhe um passamento  
— Oh, meu Deus! — dizia ela,  
Pra que fiz tal juramento?

E correndo pra seu quarto  
Num pranto desensofrido  
Exclamava: — Meu bom Pai!  
Oh! Quanto tenho sofrido!  
Mande Juvenal, meu Deus,  
Coitado, ele foi traído!

Pelo ódio e ambição  
De um imundo cocheiro  
Vou perder o meu amado,  
O meu herói verdadeiro.  
Dá-lhe um aviso, meu Pai,  
Deste plano traiçoeiro!

Ah! Se eu pudesse agora  
Contar tudo à majestade...  
Dizer que esse cocheiro  
Não quer falar a verdade,  
Mas devido à minha jura  
Perdi a felicidade!

Leitor, deixamos aqui  
Fechada em seu aposento  
A bela e meiga princesa  
Lamentando o seu tormento  
E vamos ver Juvenal  
Onde está neste momento.

Depois de salvar a moça  
O belo rapaz seguiu  
Em busca doutra aventura  
A viagem prosseguiu  
Junto com os três cachorros  
Em outro reino dormiu.

Naquela noite sonhou  
Que estava num reinado  
Em uma linda manhã,  
O castelo engalanado  
De rosas e finas flores  
Era o solo atapetado.

Um perfume inebriável  
Recendia no espaço  
Belas damas sorridentes  
Tinha ele em cada braço  
Vestindo finas fazendas  
Duma beleza sem jaço.

Num lindo trono de ouro  
Se via a linda princesa  
Trajando um vestido branco  
De fulgurante beleza  
Trazendo véu e capela  
Deslumbrante na riqueza.

Nisto chega a majestade  
O bispo e um escrivão  
Disseram então para ele:  
“— Se apresse, cidadão!  
Pra receber da princesa  
Sua nobre e santa mão.”

Nesse ínterim chega um homem  
De semblante aborrecido  
Que disse: — Parem com isso,  
Esse moço é um bandido!  
Quer desfrutar uma glória  
Sem a ter adquirido.

E Juvenal mesmo em sonho  
Fez uso do seu punhal  
Seu inimigo também  
Puxou da cinta outro igual  
Travou-se uma luta horrenda  
Sangrenta, cruel, brutal.

No fim da luta ele viu  
As flores todas pisadas  
As damas por sobre o solo  
Se sentindo desmaiadas  
Ele preso na parede  
Sobre lanças e espadas.

Seu inimigo sorrindo  
De braços com a princesa  
O povo lhe dando vaias  
Ele preso sem defesa  
Nisto o rapaz acordou-se  
Assustado, com certeza.

Juvenal ficou pensando  
Nesse sonho aborrecido  
E disse consigo mesmo:  
— Que terá acontecido?  
A princesa que salvei  
Talvez tenha me traído.

Mas depois disse consigo:  
— Não posso temer traição  
Sei mesmo que a princesa  
Me ama de coração  
Saberei toda a verdade  
Ao regressar à nação.

E se algum atrevido  
Um covarde ou traidor  
Tiver forçado a princesa  
A recusar meu amor  
Nesse dia fico louco  
Bebo o sangue do impostor.

Confiado na princesa  
No punhal e no Divino  
Juvenal seguiu viagem  
Sempre como peregrino  
Com seus cachorros de um lado  
Protegendo seu destino.

E assim passou um ano  
E Juvenal prosseguia  
Sua vida aventureira  
Pensando voltar um dia,  
Pois ele disse à princesa  
Com três anos voltaria.

Deixemos ele um instante  
E voltemos ao reinado  
Onde o cocheiro covarde  
Viu seu plano coroado  
Era agora herói do rei  
Só faltava ser casado.

A princesa em casamento  
Não queria ouvir falar  
O rei marcou para um ano  
Para se realizar  
No tempo ela adoeceu  
Somente pra não casar.

Foi uma doença séria  
Acompanhada de dor  
Mas tudo isso arranjado  
Por conhecido doutor  
Bem pago pela princesa  
Filha do imperador.

O cocheiro aperreado  
Sempre junto à majestade  
Pedia para apressar  
Esse laço de amizade  
Temendo que com mais tempo  
Se descobrisse a verdade.



O comentário na rua  
Era bem desencontrado  
Um dizia que o cocheiro  
De fato tinha lutado  
Com a fera desumana  
Que devorava o reinado.

Outro, porém, respondia  
Que era combinação  
O rei não queria dar  
A filha para o dragão  
E mais tarde quem pagava  
Eram os filhos da nação.

Paremos aqui leitor,  
Deixemos isso pra frente  
Vamos saber como passa  
A princesinha doente  
Seu pai estava ficando  
Severo e muito exigente.

Assim passou mais dois anos  
Com mais um fazia três  
Disse o rei à sua filha:  
— Há de casar este mês,  
Eu garanti ao teu noivo  
Pra não passar desta vez.

A moça mais uma vez  
Lembrou-se de Juvenal  
Exclamou: — Tudo acabou-se,  
Minha sina foi fatal!  
Vou casar-me com um monstro,  
Traidor como um chacal.

Faltavam apenas dois dias  
Para o grande casamento  
O castelo em rebuliço,  
Era grande o movimento  
Enfeites, bolos, comidas,  
Tudo estava em andamento.

Na véspera do casamento  
Viu-se entrar um viajante  
Levando mais três cachorros  
Dum tamanho extravagante  
Era Juvenal que vinha  
Em busca de sua amante.

Juvenal ouviu dizer:  
“Por uma felicidade  
Casa hoje um grande herói  
Com a filha da majestade  
Porque matou o dragão  
Que devorava a cidade.”

Juvenal cego de raiva  
Na mesma hora rompeu:  
— Esse homem é mentiroso  
Sem ver o monstro correu  
O dragão de quem se fala  
Quem matou ele foi eu!

Os praças ouvindo falar  
Daquele “nobre” senhor  
Disseram logo: — Está preso,  
Infame conspirador!  
Maltratando em praça pública  
O genro do imperador.

Juvenal pulou pra trás,  
Bateu palma para um cão,  
Partiu pros guardas dizendo:  
— Sou filho de outra nação,  
Ainda vindo o exército  
Não me entrego à prisão!

Aí travou-se uma luta  
Os cães entraram no meio  
Em menos de meia hora  
Era um estandarte feio  
Que o rei lá no palácio  
Estava ouvindo o tiroteio.

Foram dar parte ao rei  
Da grande calamidade  
Dizendo: — Aí tem um moço  
Que hoje entrou na cidade  
Tem morto tanto soldado  
Que é uma barbaridade.

Ele conduz três cachorros  
São três panteras iguais  
O homem briga por dez  
Pula mais que satanás  
Da sua espada sai fogo  
Como as chamas infernais.

O noivo com a notícia  
Doeu-lhe no pensamento  
Disse o rei aos convidados:  
— Demorem aí um momento  
Esperem a minha chegada  
Pra fazer o casamento.

O rei chegou, foi entrando  
No meio da multidão  
Gritou: — Está garantido  
Quem fez a revolução  
Quero saber como foi  
O princípio da questão.

Com a chegada do rei  
O povo todo acalmou  
Juvenal com seus três cães  
Um arranhão não levou  
Chegou pra perto do rei  
Por esta forma falou:

— Sua alteza vá sabendo  
Nunca fui homem malvado  
Pretendo contar-lhe tudo  
Da forma que foi passado  
Mas quero que minha história  
Seja ouvida no reinado.

Dali mesmo o rei levou  
Juvenal para o salão  
Pra contar de que maneira  
Principiou a questão  
Quando o moço entrou na sala  
Tudo mudou de feição.

A moça ao ver seu amante  
Chorou de tanta alegria  
Por saber que todo falso  
Ele agora descobria  
E finalmente depois  
Com ele se casaria.

Mas quando o cocheiro viu  
Aquele recém-chegado  
Conheceu logo os cachorros  
Ficou da cor de um finado  
E disse consigo mesmo:  
— Agora estou desgraçado!

Disse Juvenal ao rei:  
— Me disseram sem maldade:  
“Hoje casa um grande herói  
Com a filha da majestade  
Porque matou um dragão  
Que devorava a cidade.”

Eu fiquei cego de raiva  
Porque isso não se deu  
E disse: — Ele é mentiroso,  
Sem ver o monstro correu!  
O dragão de que se fala  
Quem matou ele foi eu!

Aí os soldados todos  
Me deram voz de prisão  
Eu gritei por meus cachorros  
E fiquei de prontidão  
Por este grande motivo  
Principiou a questão.

Lutei pelo meu direito  
Como qualquer um lutava  
Me acabava lutando,  
Mas eu não me entregava  
O céu virava fumaça,  
A terra se desmanchava.

Estou contando a história  
Que a condição me obrigou  
A fera de que se fala  
Foi este homem que matou  
A princesa é testemunha  
De tudo que se passou.

O rei chamou a princesa  
Pra contar o que sabia  
Ela prontamente veio  
Trespassada de alegria  
Desabafar essa mágoa  
Que há três anos sofria.

Ela aí continuou  
Para todo mundo ver:  
— Meu pai está perguntando  
Porque deseja saber...  
Sim senhor, foi esse homem  
Quem me salvou de morrer!

Quando eu fiquei no bosque  
Onde o cocheiro deixou  
Que ia subindo a serra  
Esse homem me acompanhou  
Foi lutar com o dragão  
Eu vi quando ele o matou.

Quando ele matou o monstro  
Nessa mesma ocasião  
Arrancou dois grandes dentes  
Julgando ter precisão  
Se não perdeu ainda tem  
Os dois dentes do dragão.

Depois o moço levou-me,  
Botou-me na carruagem,  
Muito decente e modesto  
Como quem não faz vantagem  
Ali apertou-me a mão  
E seguiu sua viagem.

Agora o cocheiro sim,  
Fez verdadeira traição!  
Ele pensava, meu pai,  
Que não tinha punição,  
Mas vou contar a miúdo  
Toda sua narração...

O cocheiro saiu comigo  
Adiante me perguntou:  
“— Vossa alteza pagou bem  
Aquele que lhe salvou?”  
Eu lhe disse: — Fui pagar,  
Mas ele não aceitou.

Disse ele: “— Sendo assim  
Me dê vossa proteção,  
Dizendo em casa a seu pai  
Que eu matei o dragão  
Todo mundo lhe acredita  
Ninguém lhe dirá que não.”

Então eu disse pra ele:  
— Nunca fui desconhecida,  
Não vou contar uma história  
Que não foi acontecida.  
Usando da falsidade  
Pra quem salvou minha vida.

Nem permito que um Judas  
Covarde, vil, descabido,  
Insulte desta maneira  
Um homem tão destemido  
Que não sendo Deus e ele  
Agora eu tinha morrido.

Íamos passando uma ponte  
Quando ele disse assim:  
“— Abra os seus olhos princesa,  
Arranje isto pra mim!  
Se a senhora negar isto  
Aqui mesmo dou-lhe fim!

Lhe atiro da ponte abaixo,  
O diabo tem de a levar,  
Quando eu chegar na corte  
Que alguém me perguntar  
Eu digo: a fera comeu-a!  
Ninguém mais vai procurar.”

— Eu que me achava sozinha,  
Conhecendo que morria,  
Jurei perante o cocheiro  
Fazer como ele queria...  
Jurando mais que o segredo  
Por mim não se descobria.

E foi assim, meu bom pai,  
Que pude me defender  
De ser lançada da ponte,  
Decidida a não morrer,  
Mas Deus protegeu-nos pai,  
Fez a verdade vencer!



Aí descobriu-se tudo,  
O rei ficou se mordendo.  
Disse ali mesmo ao cocheiro:  
— Você vai morrer sabendo!  
Mandou por quatro carrascos  
Tirar-lhe o couro ele vendo.

Casou-se a linda princesa  
Com o valente Juvenal  
Repercutiu a notícia  
Pelo mundo universal  
Rolou festa quinze dias  
No palácio imperial.

Juvenal no outro dia  
Às seis horas da manhã  
Mandou um grande cortejo  
Buscar sua linda irmã  
Aquele menina esbelta  
Das faces cor de maçã.

Quando os cães viram a menina  
Ficaram de prontidão  
E disseram a Juvenal:  
— Findou a nossa missão  
Queríamos ver se a riqueza  
Mudava teu coração.

Os cães eram encantados  
Não podiam ter demora  
Se transformaram em três pássaros  
Alvos da cor da aurora  
Disseram: — Adeus, Juvenal!  
Voaram, se foram embora.



**Leandro Gomes de Barros**, pioneiro na publicação de folhetos, nasceu em Pombal – PB, no dia 19 de novembro de 1865 e faleceu em Recife – PE, no dia 4 de março de 1918. Estima-se que sua vasta produção literária, iniciada em 1889, no estado de Pernambuco, atinge cerca de 600 títulos, dos quais foram realizadas mais de 10 mil edições. Após sua morte, em 1918, seu genro Pedro Batista continuou editando a sua obra em Guarabira – PB, fazendo algumas revisões de linguagem.

Em 1921 ocorreu a venda dos direitos autorais de Leandro, pela viúva do poeta (dona Venustiniana Eulália de Barros), a João Martins de Ataíde que passou a publicar os folhetos omitindo nas capas o nome do autor e alterando o acróstico final de muitos deles. Os folhetos e romances de Leandro que compõem esta coleção estão entre os grandes clássicos de sua produção e da literatura de cordel de todos os tempos.



Rua Carlos Vasconcelos, 1926 - Aldeota  
60115-171 - Fortaleza - Ceará - Brasil - 85 3261.1002  
[www.imeph.com.br](http://www.imeph.com.br) - [imeph@imeph.com.br](mailto:imeph@imeph.com.br)



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).